

# **EU E ELES/AS NA PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO “QUANDO OUSAMOS EXISTIR”**

Fabio Rodrigues Vicente; Ana Elisa de Abreu Vargas; Marcio Rodrigo Vale Caetano

*Universidade Federal do Rio Grande  
fabio8rv@gmail.com, elisadeabreuv@gmail.com,  
mrvcaetano@gmail.com.*

## **Produções culturais e artísticas**

**Resumo:** Neste trabalho farei um relato sobre minha experiência na equipe do documentário “Quando Ousamos Existir” produzido pelo Centro de Memória LGBT João Antônio Mascarenhas do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande. O filme objetiva debater os 40 anos de ativismo político LGBT no Brasil por meio de suas narrativas. Mesmo possuindo limitações financeiras, de equipamentos e tantas outras restrições, ao longo de seis meses já contou com mais de cem entrevistas em viagens para doze estados brasileiros. Na trajetória narrativa do filme fica evidente que graças ao comprometimento afetivo do ativismo foi possível a construção daquele que sem dúvida constitui-se como um dos principais movimentos sociais hoje no Brasil.

**Palavras-chave:** Ativismo, documentário, LGBT.

Uso como principal referência na escrita deste relato minhas anotações em um caderno-diário que me acompanha, assim me atentarei nos acontecimentos durante as gravações do documentário e não tanto no tema que o filme tratará, nem no motivo, nem no resultado. O que estará em foco aqui será o processo. Que começa quando, no meu primeiro ano da graduação em Artes Visuais Licenciatura, passo a integrar o Nós do Sul - Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Identidades, Currículos e Culturas da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Entrei para trabalhar principalmente no projeto Centro de Memória da População LGBT - João Antônio Mascarenhas atuando no desenvolvimento de materiais de campanhas de afirmação e na confecção de peças audiovisuais, incluindo um filme de curta-metragem que narraria brevemente a trajetória de alguns ativistas no movimento LGBT brasileiro.

Eu já possuía breve experiência autônoma na área do audiovisual mas separei algumas semanas para estudar mais um pouco, pegar referências, analisar outros documentários, etc. Logo no segundo semestre, ainda conhecendo o universo novo da vida acadêmica, faço minha primeira viagem de avião para dar início às gravações no congresso da maior associação LGBT da América Latina. Lá entro em contato com grandes nomes do ativismo social, acompanhado de duas enormes referências de atuação acadêmica e política. Cláudio

Nascimento que é há quase 30 anos atuante no movimento LGBT, coordenou o Programa Rio Sem Homofobia e Marcio Caetano coordenador do Centro de Memória João Antônio Mascarenhas e do Nós do Sul.

*“..nossa ideia é filmar momentos do Congresso, entrevistar ativistas e promover uma roda de conversa com presidentes e vices da ABGLT..”* (Marcio Caetano em email para o então presidente da associação. 28/07/2017). Dia 6 de agosto é quando leio a proposta do filme, que os diretores chamavam de sinopse e posteriormente de “roteiro aberto”, um texto de aproximadamente quinze páginas que continha alguns marcos a serem buscados nas entrevistas a fim de comporem o filme: processos de despatologização da homossexualidade; primeiros grupos “GLS” nos anos 70; primeiros encontros nacionais; anos 80 e a Aids; união civil; Paradas do Orgulho; criação da ABGLT em 1995; governos democráticos; políticas públicas; fundamentalismos religiosos; e um pouco do cenário político atual. *“Diante desse intenso e acalorado debate que emerge o documentário ‘Direito de Amar: Trajetórias Político-Pessoais do Ativismo LGBT brasileiro’ com o intuito de registrar e elaborar, por meio de recurso audiovisual, um balanço do cenário envolvendo o ativismo e o cotidiano LGBT no Brasil.”* (final do texto-sinopse do filme que ainda se chamava “Direito de Amar”). Minha primeiríssima função como bolsista foi a análise dos equipamentos que o projeto já possuía e a solicitação para aquisição do que precisaríamos. Alguns dias foram dedicados na escolha de equipamentos de som e luz, bons e versáteis para as mais distintas situações de gravação, e de valores acessíveis. Como é de praxe em produções de “filmes de guerrilha” (que não visam o lucro; possuem métodos de produção não-convencionais; flexibilidade de planejamento; trabalho colaborativo; equipe mínima) tivemos que fazer uma sucessão de escolhas que possibilitassem a continuidade e o crescimento do conteúdo, como gravar em qualidade mediana para ter um maior número de entrevistados(as) e a decisão de não comprar microfone de lapela e sim direcional pois tínhamos pouco tempo de montar os personagens. Enfim possuíamos uma câmera de vídeo, uma fotográfica, um tripé, gravador e microfone, que chegou de última hora e não tive tempo de testar. Na véspera conseguimos mais um tripé e uma segunda câmera de vídeo que aprendi a mexer horas antes das gravações, mas que se mostrou inútil.

09 de agosto de 2017 o primeiro dia de gravação. No Centro de Referência da Juventude/BH a tentativa de encontrar um espaço silencioso num ambiente onde estavam acontecendo vários eventos simultâneos, incluindo ensaios de música, dança, teatro, circo e o próprio

Congresso da ABGLT. Conseguimos reservar poucos horários num estúdio musical e numa sala com paredes de vidro (que vazava sons externos), revezamos entre um espaço e outro nos dois dias. Estávamos em uma equipe de quatro pessoas, sendo dois os diretores do filme (Cláudio e Marcio) e dois bolsistas com muita vontade e alguma experiência, mas novatos e com vários temores, um com o papel de produção (João Neto) e eu na parte técnica. João procurava no evento as pessoas que seriam entrevistadas e marcava os horários das gravações auxiliado pelos diretores, que também atuaram como produtores, enquanto eu montava os equipamentos, organizando a sala e testando as posições das câmeras, dos(as) entrevistado(as) e da iluminação. Tudo sempre com tempo corrido e apesar das divisões de tarefas todos da equipe se auxiliavam ao máximo.

Durante as entrevistas as pessoas davam seus relatos a partir do direcionamento dos entrevistadores (Cláudio Nascimento e Marcio Caetano) que já as conheciam individualmente. A primeira viagem foi o marco e a base para todas as que viriam posteriormente, a partir dali foi que percebemos que o projeto iria crescer e que também se estabeleceu o entrosamento e o sentimento de pertença da equipe. Durante quatro meses gravamos em congressos, nas casas de alguns militantes, no gabinete de parlamentares, em hotéis, nas sedes dos grupos e organizações. Até que chegou a “última jornada” (pois o projeto não tinha mais verba para as passagens aéreas e diárias da equipe), foram dez dias de viagem em três capitais (Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília). E eu estava em período de aula, perigando reprovar por falta em algumas disciplinas. Nesta viagem entrevistamos muitas pessoas históricas e de extrema relevância tanto para o movimento LGBT quanto para o filme.

A tensão estava infinitamente maior, tínhamos uma quantidade definida de entrevistas e fizemos mais que o dobro. Para essa viagem melhoramos nossos equipamentos, conseguimos emprestada uma filmadora de qualidade superior, um softbox de iluminação e um tripé. Novamente nas vésperas da viagem eu me agilizo a conhecer os equipamentos, agora eu manipulava um poste de luz, dois tripés, duas câmaras e o gravador, enquanto fazia a logagem das entrevistas anteriores. A vantagem foi que dessa vez nas três cidades tivemos um set base que deixávamos os equipamentos montados. Os horários estavam apertadíssimos com entrevistas marcadas das 8h até as 18h, geralmente as falas levavam mais de 1h e com frequência ficava uma pessoa na fila. Nos acostumamos a montar o set com cadeiras e um coffeebreak do lado de fora.

Finalizando as entrevistas da primeira cidade demoramos mais do que o esperado na último entrevistado e acabamos perdendo o vôo tendo que viajar de ônibus. Nisso perdemos algumas horas de descanso e de futuras entrevistas. A segunda cidade foi onde tivemos o maior número de entrevistas e ficamos hospedados próximos do local da gravação que era a nova sede da Parada LGBT. Gravamos até a exaustão com poucas horas de sono, almoçando quase sempre na sala ao lado do set. O próximo vôo também foi às pressas tendo que improvisar uma forma de despachar parte dos equipamentos com a bagagem pessoal. Mais uma vez dividindo quarto, apesar do cansaço e do estresse, conversávamos sobre a produção e sobre vida e me sentia na presença de mestres numa imersão de aprendizado somado ao surgimento de uma amizade. Na terceira cidade eu já estava num estado de cansaço de quase cochilar durante algumas entrevistas. Pela primeira vez eu desejei que a jornada acabasse e que a gente pudesse voltar para casa. Divergíamos por diversos motivos: estética no set; planos de câmera; barulhos da equipe durante a gravação; etc. Na viagem de dez dias a convivência e a intimidade pesaram, mas aprendemos a entrar em acordos e a considerar as diferentes contribuições.

Exatamente um mês depois já estava voando de novo. Desta vez para passar trinta dias no Rio de Janeiro estudando num curso de cinema-documentário, obtendo materiais para o filme e fazendo uma breve decupagem do que já tínhamos. Estudar documentário nos possibilitou entrar em contato com outros documentaristas, de primeira viagem à experientes; a troca de saberes e ideias; conversar com pessoas que fizeram trabalhos semelhantes; além de ter a experiência de construir um curta com a supervisão de profissionais em todas as etapas, o que de certa forma ainda estava meio turvo para nós, principalmente na edição e na organização dos arquivos, já que temos mais de cem entrevistas e cerca de mil materiais extras entre fotos, vídeos e outros documentos. O curso também nos mostrou como já estávamos bem encaminhados fazendo um trabalho muito bem feito.

Este foi meu primeiro trabalho em equipe, e funcionamos muito bem, cada um com suas autonomias no que têm de melhor. Aprendi e ousei dizer que aprendemos muito a trabalhar em uma equipe de cineastas, com rotina de set, montagem e desmontagem de equipamentos, etc. A ideia inicial que era produzir um filme de trinta minutos que se transformou em um longa-metragem, e à medida que seguíamos gravando apareceram mais possibilidades e ideias, assim o filme foi crescendo. Se transformou em uma trilogia de longas, depois em um longa e uma série. O processo de construção do documentário foi tão orgânico quanto o de

entrosamento da equipe e com comprometimento e dedicação inspirados no próprio movimento social que este retrata.